

CONVERSANDO SOBRE FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Marcos Antônio Lorieri¹

Resumo

Este texto apresenta considerações a respeito da legitimidade da presença de uma educação filosófica já no Ensino Fundamental. Parte da apresentação de uma concepção de filosofia e de filosofar, estabelece um relação dessa concepção com a necessidade de todas as pessoas poderem filosofar, inclusive crianças e jovens, e faz indicações a respeito da necessidade e possibilidade da presença de alguma iniciação filosófica de crianças e jovens.

Palavras-chave: Filosofia. Filosofar. Iniciação filosófica. Ensino Fundamental.

TALKING ABOUT PHILOSOPHY IN ELEMENTARY SCHOOL

Abstract

This text presents considerations about the legitimacy of the presence of a philosophical education already in Elementary School. Part of the presentation of a conception of philosophy and to philosophize, it establishes a relation of this conception with the necessity of all people to be able to philosophize, including children and young people, and makes indications as to the necessity and possibility of the presence of some philosophical initiation of children and young.

Keywords: Philosophy. To philosophize. Philosophical initiation. Elementary School.

¹ Doutorado em Educação PPGE/UNINOVE (Univ. Nove de Julho, São Paulo), e-mail: lorieri@sti.com.br.

Introdução

O propósito deste texto é o de apresentar considerações sobre a possibilidade e legitimidade de algum trabalho filosófico-educacional nesta etapa da educação básica escolar. É legítimo indicar filosofia no Ensino Fundamental? A resposta, aqui, é sim, dependendo do entendimento que se tenha do que seja essa presença da filosofia. E é não, a partir de certo ponto de vista no tocante a entendimentos do que seja fazer filosofia. Dependendo da resposta dada à primeira pergunta, é possível pensar-se em algum trabalho filosófico com crianças entre 7 e 11 anos de idade.

Apresentam-se, a seguir, algumas considerações iniciais e, em seguida, um ponto de vista favorável à presença de exercícios de iniciação filosófica com crianças.

A Filosofia na vida das pessoas

O filosofar e suas produções têm estado presentes na história das práticas humanas desde muitos séculos. A filosofia é uma das formas de saber, ou uma das formas de conhecimento que os seres humanos produzem para tentar explicar a realidade da qual fazem parte e a si mesmos nela, buscando, no caso do conhecimento filosófico, produzir sentidos ou significações para a existência humana e para seu mundo. A história do pensamento filosófico mostra que têm sido variados esses sentidos, alguns dos quais disputam hegemonia em determinadas épocas e em determinadas sociedades. Exemplos são as perspectivas filosóficas presentes na Escolástica, no Iluminismo, no Liberalismo, no Socialismo, dentre outros.

O que caracterizaria a forma de conhecimento filosófico como igual e como diferente das formas de conhecer do mito, da religião, do senso-comum, da arte, da ciência?

A Filosofia é igual às outras formas de conhecimento porque ela é um conjunto de procedimentos da consciência humana que, ordenados de certa forma, procuram produzir respostas, as mais garantidas possíveis, para questões com as quais os seres humanos se deparam em suas vidas, ou para questões que eles se colocam quando se põem a pensar mais atentamente.

E é diferente porque trabalha principalmente e prioritariamente sobre certas questões, utilizando uma maneira própria de abordá-las, tendo em vista produção de respostas que nunca são definitivas porque variam historicamente as necessidades que provocam as perguntas e as próprias respostas. E, ainda, por que são frequentemente questionadas visto que essas respostas dizem respeito a sentidos cuja escolha é pautada em critérios, também valorativos. Daí que o filosofar empenhe-se, para além de outras tarefas, à análise crítica das respostas produzidas.

A partir do que foi afirmado acima, há a necessidade de que sejam explicitados alguns aspectos: quais seriam estas “certa questões”; como entender a “maneira própria” de a filosofia abordá-las; por que a necessidade do trabalho de análise crítica das respostas dadas às tais certas questões?

Primeiro, algo a respeito das questões que, tradicionalmente têm sido objeto da reflexão filosófica. Há questões que pedem algo mais que descrições, explanações, constatações, quantificações, causas próximas. Pedem posicionamentos abrangentes e, ao mesmo tempo, significativos, de tal forma que ofereçam sentidos como rumos de vida ou direções. Pode-se denominar a esses posicionamentos de referências, de princípios, de significações.

A essas questões, pode-se denominá-las de questões de fundo, ou de questões fundamentais, as quais, reunidas em grandes temas, constituem as principais áreas da investigação Filosófica. São questões sobre a realidade em geral e seu possível sentido (área da ontologia); sobre o ser humano e o significado de sua existência (área da antropologia filosófica); sobre o conhecimento, sua importância, sua possibilidade objetiva de dizer verdadeiramente do mundo e do ser humano (área da teoria do conhecimento); sobre o processo de valoração em geral (área da axiologia); sobre o processo de valoração moral (área da ética); sobre o processo de valoração a respeito das manifestações da sensibilidade humana que incluem as manifestações artísticas: (área da estética); sobre a sociabilidade e, nela, sobre o poder e, por consequência sobre a liberdade (área da filosofia social e política); e outras questões e temáticas, como a da linguagem, a da história, a da educação, a do raciocínio e argumentação, etc.²

Há, em relação aos sentidos, a necessidade de que sejam bem argumentados e com plausibilidade de serem bons referenciadores e orientadores da existência das pessoas: parte-se, aqui do pressuposto de que pessoas precisam de sentidos para seu existir. Esses sentidos, porém, não são absolutamente garantidos: daí a busca contínua em relação a eles, recolocando-se e retomando-se continuamente as questões fundamentais. Esse movimento desafiador e instigante do pensamento é a própria investigação filosófica.

Ainda que nem sempre claramente consciente, a participação neste movimento investigativo é uma necessidade. É fundamental que todas as pessoas estejam envolvidas na busca de respostas às questões de fundo, bem como na análise crítica das respostas que estão presentes no ambiente cultural de que fazem parte. Algumas dessas respostas tornam-se princípios que pautam a forma de condução de determinadas sociedades e, por vezes, de toda uma época. Não que elas venham antes de essas sociedades se formarem: elas são produzidas e, de alguma forma, mantidas, no próprio processo de constituição e de manutenção

² Tradicionalmente os Cursos de Filosofia têm estas áreas, ou parte delas, como disciplinas do seu currículo, além da disciplina História da Filosofia e de mais disciplinas, dependendo da proposta do curso.

delas. Com muita frequência estão ligadas a determinados interesses que podem não ser os de todos. Daí, uma das razões para a necessária vigilância crítica em relação a elas.

Com relação às questões fundamentais, ou às grandes interrogações próprias dos seres humanos, diz Japiassu (1997, p. 104):

As grandes interrogações que os filósofos do passado fizeram, permanecem no presente: os homens de hoje continuam a se colocar problemas sobre eles mesmos, sobre a vida, sobre a sociedade, sobre a cultura, sobre o transcendente etc., que constituem verdadeiros desafios à nossa atividade reflexiva.

Em segundo lugar, um entendimento da maneira própria de abordar as questões de fundo por parte da filosofia.

A Filosofia se caracteriza e, portanto, se diferencia das demais formas de conhecimento pelos procedimentos que utiliza para a elaboração de suas perguntas e para a busca de respostas. Pode-se dizer que fazer Filosofia é realizar um processo investigativo e reflexivo que seja crítico, rigoroso, profundo, abrangente que busca totalidades referenciais significativas, a partir das questões fundamentais que os seres humanos se colocam no transcurso de sua existência.

No campo da filosofia há controvérsias a respeito do que se disse acima, e de se saber se a realização desse processo é mesmo fazer filosofia. Assume-se, aqui, que sim: esta é uma maneira de se fazer filosofia e, para isso, é necessário proceder através de:

- Posturas investigativas que incluem procedimentos de observação, de elaboração de perguntas substantivas a partir das observações realizadas, de produção de hipóteses plausíveis, de apresentação de argumentos capazes de sustentar posições, e de revisão de posições quando os argumentos apon tem para tanto. As posturas investigativas incluem, ainda, a disposição a ouvir os pontos de vista e argumentos dos outros numa perspectiva dialógica, e não polemista.
- Posturas reflexivas, ou seja, as de retomar os próprios pensamentos para os pensar de novo, tendo em vista aprimorar, ou mesmo modificar o que já foi pensado a respeito de algo. Numa realidade como a nossa, onde tudo é convite à rapidez, ao imediatismo, é necessário, ainda mais, haver convites que vão na direção contrária e que levem ao hábito da reflexão.
- Posturas críticas: isto é, capazes de colocar em crise os seus “achados”. Acha-se muito, mas sabe-se pouco. Isso ocorre, em grande parte, porque não há o trabalho de “checar melhor”, colocar em crise, problematizar aquilo que se pensa. A criticidade vem em seguida à revisão do já pensado e a complementa, pois, apenas rever não basta: é preciso rever de maneira crítica. E mais: “rever sóis”, isto é, solitariamente, também não basta; é necessário buscar a ajuda dos outros, nos momentos de diálogo (não de polêmica), em que os pontos de vista são expostos, trocados, avaliados e, se necessário,

revistos. É importante saber aliar as revisões solitárias com as revisões solidárias.

- Posturas rigorosas: isto é, sistemáticas, ordenadas, metódicas, ao menos para aquilo que é importante, porque necessário. O açodamento e a precipitação não têm produzido bons resultados na vida das pessoas. É necessário aprender a cuidar das mediações necessárias, e saber passar por elas. Somos seres mediados, isto é, resultantes de múltiplas relações, o que vale para o processo de pensar.
- Posturas de aprofundamento nas análises: isto é, dispostas a não parar as análises na superfície dos fatos, das coisas, das situações. São as análises que oferecem ou sugerem os pontos de vista: daí a disposição a ir, o mais profundamente possível, em busca da compreensão de qualquer coisa, a ir às raízes, aos fundamentos. É isso que significa realizar um pensamento radical, que é uma das qualidades do pensamento filosófico.
- Posturas abrangentes: isto é, não parciais. Isso diz respeito a estar disposto a ver os fatos, as situações, as coisas, por todos os ângulos possíveis, em todas as dimensões possíveis, em todas as relações possíveis. Isso significa buscar ver tudo de forma contextualizada, como parte de totalidades cada vez mais abrangentes. Os seres, os fatos, as situações fazem sentido nos contextos relacionais em que se dão, pois são resultado de múltiplas determinações ou relações. Estas posturas permitem a produção mais segura de totalidades referenciais significativas. Trata-se de uma aspiração humana e a filosofia é, por excelência, a forma de conhecimento que busca a construção, bem argumentada, dessas totalidades referenciais significativas. Colocando-as sempre, porém, sob exame crítico. Daí o movimento histórico do filosofar não parar nunca.

Em terceiro lugar por que a necessidade do trabalho de análise crítica das respostas dadas às questões de fundo?

Se as pessoas necessitam de respostas a essas questões, produzidas através de uma maneira como a que acima foi indicada, parece claro que a filosofia deva ter, também, por tarefa, exercer vigilância crítica a respeito das respostas que sempre estão presentes nas mais diversas culturas. Até porque, nem todas as pessoas participaram da produção dessas respostas e, menos ainda, as gerações novas que, quando de sua chegada ao mundo humano, já as encontram prontas. É direito dessas pessoas ter acesso não apenas às respostas já aprontadas, mas também, aos instrumentos de análise crítica delas e aos instrumentos ou procedimentos de produção de novas respostas, se for o caso. O filosofar é o caminho por excelência de acesso aos instrumentos e procedimentos mencionados. Vê-se aqui uma primeira justificativa para a iniciação filosófica de crianças e jovens.

Pense-se, por exemplo, nas respostas às seguintes duas questões: o que é o ser humano e qual o significado de sua existência? Como fruto de reflexões filosóficas, há respostas a essa dupla questão. Elas

são transmitidas no interior de cada cultura que as produziu, e inculcadas nas pessoas através de diversos meios, sendo um deles as ações educativas. Aceitando, ou sendo levados a aceitar essas respostas, os seres humanos orientam suas práticas de acordo com elas.

Isso ocorre porque as pessoas colocam-se essas questões e porque buscam respostas a elas. Diante dessa necessidade, ou as elaboram por si mesmas, ou são, de algum modo, levadas a internalizar respostas elaboradas por alguém. Esse “alguém” não é uma única pessoa, nem necessariamente pessoas que vivem numa mesma época. Esse “alguém” é um conjunto de pensadores que elaboram as referências, os princípios, as grandes ideias, as quais organizam as visões de mundo, de homem, de sociedade, de conhecimento, de valores éticos ou estéticos, de educação, etc., de uma determinada cultura, a partir de interesses e necessidades objetivas presentes nela, e não necessariamente interesses e necessidades de todas as pessoas. Aliás, o que se pode observar historicamente é que tais interesses e necessidades têm sido de pequenos grupos que se tornam hegemônicos em cada cultura.

As respostas estão sempre presentes. Não há sociedades humanas sem elas, pois, orientam, juntamente com outros fatores, a forma de ser das pessoas. Além disso, são necessárias: daí a necessidade da filosofia e dos filósofos. Daí a necessidade do filosofar. De um filosofar feito por poucos ou feito por todos. Se feito por poucos, haverá a escolha das respostas convenientes a certos interesses e sua inculcação, como também o combate às possíveis respostas “não convenientes”. Se feito por todos, haverá, no mínimo, a participação e o jogo aberto na disputa pelas referências, pelos princípios, pelos sentidos, pelos valores.

A proposta de ensino de filosofia, ou do filosofar, para todas as pessoas, desde a mais tenra idade, tem em vista que é fundamental que todos participem desta produção. Só assim as pessoas aprenderão a avaliar criticamente quaisquer respostas às questões de fundo que se lhes apresentem, e poderão participar da produção das respostas que lhes sejam verdadeiramente convenientes, ou que ao menos assim lhes pareçam pelo peso dos argumentos que as justificam.

Crianças, jovens e a Filosofia

Crianças e jovens, como todas as pessoas, colocam-se questões próprias do âmbito da investigação filosófica; deparam-se e são envolvidos culturalmente com respostas a elas e têm o direito de serem iniciados no trato com elas e no processo de avaliação crítica das respostas às mesmas. Como foi afirmado acima, esta é uma forte justificativa para o trabalho com filosofia, ou, melhor ainda, para o trabalho de iniciação ao filosofar no Ensino Fundamental. Não se trata estritamente de ensinar nem filosofia e nem de ensinar a filosofar, no sentido acadêmico tradicional desse ensino, mas de aproveitar a natural curiosidade das crianças em relação a certos aspectos da realidade e da existência humana, expressa em muitas de suas perguntas, e de alimentar nelas

disposições que lhes facilitarão o acesso futuro às produções filosóficas e aos procedimentos do filosofar. Daí a afirmação de que se trata de uma iniciação filosófica de crianças e jovens.

Com relação ao fato de as crianças se colocarem questões de fundo muito próximas das que têm sido objeto da reflexão filosófica, Karl Jaspers (apud VERGEZ; HUISMAN, 1984, p. 385-387) no livro *Introdução à Filosofia*, diz o seguinte:

Um sinal admirável do fato de que o ser humano encontra em si a fonte de sua reflexão filosófica está nas perguntas das crianças. Ouvem-se frequentemente de seus lábios as palavras cujo sentido mergulha diretamente nas profundezas filosóficas. Eis alguns exemplos: Um diz com espanto: “tento sempre pensar que sou um outro, e eu sou, apesar disso, sempre eu”. Ele atinge assim ao que constitui a origem de toda certeza, a consciência do ser no conhecimento de si. Ele permanece tolhido diante do enigma do eu, este enigma que nada permite resolvê-lo. Ele estaciona aí, diante deste limite, ele interroga. Um outro que escutava a história da gênese: “No começo Deus criou o céu e a terra...”, logo perguntou: “Que havia então antes do começo?” Ele descobria assim que as questões se engendram até o infinito, que o entendimento não conhece limites em suas investigações e que, para ele, não existe resposta verdadeiramente concludente. Uma ‘menina faz um passeio: à entrada de uma clareira, contam-lhe histórias de duendes que ali dançam à noite. “Mas, no entanto, eles não existem... “Falam-lhe, então, de coisas reais, fazem-na observar o movimento do sol, discute-se a questão de saber se é o sol que move ou a terra que gira. Criam-se razões para acreditar na forma esférica da terra e em seu movimento de rotação. Mas isto não é verdade, diz a menina batendo o pé, a terra não gira. “Só acredito no que vejo”.

Após essas citações de falas das crianças, Jaspers, na continuidade do mesmo texto, afirma:

Poder-se-á constituir toda uma filosofia infantil colecionando-se passagens como estas. Alegar-se-á talvez que as crianças repetem o que ouvem de seus pais e de outros adultos; esta objeção é sem valor quando se trata de pensamentos tão sérios. Dir-se-á ainda que estas crianças não desenvolvem a reflexão filosófica e que, portanto, não pode haver aí entre elas senão o efeito de um acaso. Negligenciar-se-ia então um fato: elas possuem frequentemente uma genialidade que se perde logo que se tornam adultos. Tudo se passa como se, com os anos, nós entrássemos na prisão das convenções e das opiniões correntes das dissimulações e dos preconceitos, perdendo, no mesmo golpe, a espontaneidade da criança, receptiva a tudo o que traz a vida que se renova para ela a todo instante. Ela sente, vê, interroga, e depois, tudo isso logo se lhe escapa. Ela deixa cair no esquecimento o que foi um instante a ela revelado e mais tarde ficará surpresa quando lhe contarem o que dissera e perguntara. (Id.Ibid)

O que é natural no ser humano e já presente na curiosidade infantil, pode se perder se não for alimentado ao longo de sua formação. É o que dizem, Lipman, Oskanian e Sharp ao justificarem a iniciação de crianças e jovens no filosofar para que não cresçam com posturas passivas, e não indagativas, em relação ao mundo e em relação às respostas que encontram prontas no cultural do qual participam, como muitas vezes ocorre com os adultos com os quais convivem. Assim dizem os autores citados:

Para muitos adultos a experiência de se admirar e refletir nunca exerceu nenhuma influência sobre suas vidas. Assim, estes adultos deixaram de questionar e de buscar os significados da sua experiência e, finalmente, se tornaram exemplos da aceitação passiva que as crianças acatam como modelos para sua própria conduta. Desse modo a proibição de se admirar e de questionar se transmite de geração para geração. Em pouco tempo, as crianças que agora estão na escola serão pais. Se pudermos, de algum modo, preservar o seu senso natural de deslumbramento, sua prontidão em buscar o significado e sua vontade de compreender o porquê de as coisas serem como são, haverá uma esperança de que ao menos essa geração não sirva aos seus próprios filhos como modelo de aceitação passiva. (LIPMAN, OSKANIAN; SHARP, 1994, p. 55)

As crianças podem perder esta força indagativa, como diz Jasper e podem se acomodar passivamente nas respostas prontas que encontram nas sociedades em que nascem, como dizem Lipman, Oskanian e Sharp. Para que isso não ocorra, é necessária uma educação que alimente essa atitude fundamental e impulsionadora da busca de conhecimentos e de significados e que as inicie nos caminhos do necessário filosofar.

Essa iniciação, pela necessidade de envolver processos investigativos próprios da filosofia, como os já referidos anteriormente, oferece oportunidade rica de desenvolvimento do pensamento reflexivo, crítico, rigoroso, profundo e abrangente, também necessário em todos os demais domínios do conhecimento e para toda a vida.

Com relação à presença das questões próprias do âmbito da investigação filosófica em crianças e jovens, como o aponta Jasper, é fácil observar sua ocorrência em nossas vivências com elas e eles. Algumas de suas perguntas dizem respeito, por exemplo, ao fato do pensar, ao fato da existência das coisas, às situações que envolvem noções de certo e errado, justo e injusto, bem e mal etc. Crianças e jovens se perguntam e perguntam aos outros por que pensamos, o que é pensar, como temos ideias, como alguém pode ter certeza sobre algo; perguntam, ainda, por que certas atitudes são tidas como corretas, ou não; quando algo é justo ou injusto, por que há injustiças e o que é mesmo justiça; o que é gente; se os animais pensam e sentem como os seres humanos; se há um sentido para a vida humana; se as coisas existirão sempre, ou se tudo, um dia, irá acabar.

São questões que fazem parte das indagações filosóficas. Por que não aproveitar esse interesse presente nas crianças e nos jovens para envolvê-los num processo de investigação que pode ser uma verdadeira iniciação filosófica, educativa por si mesma?

Quanto ao fato de crianças e jovens se depararem com respostas já prontas e serem levados a adotá-las sem uma reflexão cuidadosa a respeito das razões que as determinaram, tem-se aí um desafio de como trabalhar com essa realidade. Se há o objetivo de que o processo educacional caminhe na direção do desenvolvimento da autonomia intelectual e moral das crianças e dos jovens, esse desafio pode e deve ser enfrentado. A iniciação filosófica, nos termos aqui defendida, pode ser um bom caminho para esse enfrentamento.

As diversas sociedades têm respostas produzidas de alguma forma e procuram transmiti-las às novas gerações. O que se propõe com a iniciação filosófica das novas gerações é que elas possam proceder a um exame rigoroso e crítico dessas respostas, o que envolve conhecê-las e serem ajudadas ajuizar e opinar sobre elas e sobre alternativas em relação às mesmas. Todos os seres humanos têm o direito de decidir pelos rumos das suas vidas. Crianças e jovens também têm esse direito, bem como o direito de aprender a dominar o uso das ferramentas intelectuais que lhes possibilitem tomar decisões. Eles têm direito de serem educados para a autonomia. Nesse sentido, uma iniciação filosófica relativa aos bons procedimentos do filosofar deve ser iniciada o quanto antes.

As temáticas relativas ao que é ser gente, ao que seja sociedade, a possíveis formas de organização das relações sociais, ao poder, à liberdade, à justiça, ao que deve ser considerado bom no tocante às atitudes, têm relação direta com as “referências”, princípios, ideais e critérios de que nos servimos para orientar a forma pela qual organizamos a vida em comum nas sociedades. Nas escolas, essas referências são, na maior parte das situações, apenas transmitidas: por que não trabalhá-las progressivamente de forma dialógica, visando ao desenvolvimento das posturas reflexiva, crítica, rigorosa, profunda e de maneira contextualizada, num processo de iniciação filosófica?

É importante que, o mais cedo possível, sejam trabalhados certos entendimentos para que, já antes da idade adulta, eles estejam de alguma maneira claros e sirvam à compreensão de aspectos fundamentais que orientem para as melhores definições possíveis de direções ou sentidos para as ações, guiadas por essa compreensão.

É necessário ter claro, por exemplo, o que é ser gente, ou o que é ser uma pessoa. e quem são os seres aos quais chamamos de pessoas. Às vezes parece que não consideramos como pessoas todos os seres humanos, com os mesmos direitos e deveres e a quem deve ser garantida uma “vida boa”. Tendo mais clareza a esse respeito, é possível esperar ações coerentes com esse entendimento.

É igualmente essencial buscar entender o que é justiça, o que é certo e errado, o que é direito e dever, etc. São definições necessárias para a orientação da organização justa da vida social. Assim como é

necessário buscar entendimentos sobre o que é verdade, sobre o que é conhecimento e sobre a importância de se adquirirem conhecimentos pelo fato de os conhecimentos serem bens necessários na orientação da vida de todos os seres humanos.

A busca pela iniciação de crianças e jovens na reflexão sobre estas temáticas próprias da investigação filosófica, é uma contribuição importante que uma educação filosófica pode oferecer.

Hoje, mais do que nunca, é necessário buscar referências que nos ajudem a entender melhor o que é este mundo material imenso e, como parte dele, o planeta Terra, bem como a natureza e como devemos viver numa relação “adequada” com ela.

A quem compete produzir essas referências? Na verdade, a todos os interessados nelas e não apenas a alguns iluminados e menos ainda a poucos que as definem em função apenas de seus interesses particularistas.

Não cabe pensar em apenas alguns produzindo as referências que dizem respeito a todos. Cabe sim pensar que todos devem participar de amplas discussões para a sua produção e para a sua reconstrução contínua e continuada, à medida que as situações históricas o exigirem.

Como as pessoas poderão participar dessas discussões de forma serena, firme e colaborativa, se não tiverem oportunidades de se preparam para isso, envolvendo-se nesse exercício desde o mais cedo possível?

Considerações para finalizar esta reflexão

Se há acordo com o que foi acima exposto, o passo seguinte será a busca do como oferecer essa indicada necessária iniciação filosófica para crianças e jovens. Há alguns caminhos já em andamento. Um deles, iniciado na década de 1960 nos Estados Unidos da América do Norte por Matthew Lipman e trazido para o Brasil por Catherine Young Silva por volta de 1988 é o Programa de Filosofia para Crianças que fez chegar a muitas escolas um caminho possível e que tem tido continuidade em boa parte do País com as necessárias adaptações à nossa realidade. Exemplos são as ações do Instituto de Filosofia e Educação para o Pensar de Curitiba³ e o SER (Sistema de Ensino Reflexivo) de Florianópolis⁴. Há outros exemplos que podem ser localizados se se procura na internet por Filosofia para Crianças.

Um bom caminho pode ser a utilização da Literatura Infantil e da Literatura Juvenil nas quais há passagens provocadoras das questões fundamentais mencionadas neste texto as quais podem ser boas oportunidades para que um educador atento possa convidar crianças e jovens para momentos reflexivos e críticos a partir das mesmas.

³ Pode-se acessar o site www.philosletera.org.br para maiores informações.

⁴ Pode-se acessar o seguinte endereço eletrônico para maiores informações: www.philosletera.org.

O mesmo pode ocorrer com certas passagens presentes nos livros de História, ou de Ciências, ou de Geografia ou, ainda, de textos de Literatura.

Melhor ainda seria que nas escolas de Ensino Fundamental houvesse um professor preparado para este trabalho de iniciação filosófica de crianças e jovens. O ideal seria um professor com formação filosófica e com um preparo adicional para esse trabalho.

Todos teriam um grande ganho formativo que repercutiria positivamente no funcionamento da sociedade por ter membros com pensamento autônomo, reflexivo e crítico e sensíveis para a busca das melhores significações possíveis para suas vidas e para o conjunto da vida em comum.

Referências

JAPIASSU, Hilton. **Um desafio à Filosofia**: pensar-se nos dias de hoje. São Paulo: Letras e Letras, 1997.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à Escola**. São Paulo: Summus, 1990.

_____. **O pensar na educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____; OSCANYAN, Frederick S.; SHARP, Ann Margaret. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. **História dos filósofos ilustrada pelos textos**. 6^a ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1984.

Recebido: março/2019

Aprovado: agosto/2019